

# GRUPO CORPO

## Benguelê

(estreia 1998)

coreografia: **Rodrigo Pederneiras**

música: **João Bosco**

cenografia: **Fernando Velloso e Paulo Pederneiras**

figurino: **Freusa Zechmeister**

iluminação: **Paulo Pederneiras**

(duração: 41 minutos)

---

Banzo de Benguela, benguelê. Saudade das terras livres e férteis do longínquo reino africano. Esta é uma das possíveis origens etimológicas da palavra benguelê, entendida aqui como a fusão de Benguela, denominação de uma região situada ao sudoeste de Angola, com o fonema lê – em quimundo, nostalgia, banzo, saudade.

Coincidência ou não, foi de olho na feição mais primitiva e negra da música de João Bosco que Rodrigo e Paulo Pederneiras formularam e reformularam o convite ao compositor para criar uma trilha para o GRUPO CORPO. Sempre atolado em compromissos, em novembro de 1997, o autor de Gagabirô pôde finalmente pronunciar o esperado sim. O resultado da união entre as duas entidades, por assim dizer, da arte mineira contemporânea veio ao mundo no dia 29 de outubro do ano seguinte no palco do Teatro Alfa Real, em São Paulo.

Com pouco mais que quarenta minutos de duração, Benguelê, o balé, assim como os onze temas especialmente criados (ou recriados) por Bosco, tem um pé na África, sim, mas estende por outros domínios (mais ou menos remotos) seu leque de influências/referências.

### CALANGO ROSA, QUELÉ E PIZINDIM

Um tanto árabe, um tanto mineiro, outro tanto carioca (pelos anos tantos de Rio de Janeiro) e, infalivelmente, cidadão do mundo, João Bosco tece com fios de múltiplas texturas e procedências sua tapeçaria musical. O negro das Minas é quem chega primeiro em dois calangos de tons roseanos. Como se o dizer mineiro e tão próprio de Guimarães pudesse encontrar um análogo musical.

O canto ancestral e soberano de Clementina de Jesus – estrela-guia de João Bosco nos mistérios da música negra de raiz, produzida pelos descendentes de escravos no Rio de Janeiro – é evocado em Tarantá, Carreiro Bebe e, principalmente, na faixa que dá título ao espetáculo. Benguelê, o velho corima revelado por Clementina no antológico Rosa de Ouro, em 1965, e que, anos mais tarde, veio a se descobrir que se tratava de uma parceria de Pixinguinha e João da Baiana, ressurgiu em arranjo a capela, conduzido, com a benção incontestada da Rainha Quelé, por um João subitamente retinto e com a cabeça coberta de cãs.

Pixinguinha, outro monumento da música negra do Rio, é reverenciado também. E não apenas pela presença Benguelê: um Urubu prá lá de Malandro (e velocíssimo) se imiscui em Tarantá, tornado em quadrilha

festeira das farras de Minas, enquanto o clássico 1 X o serve de inspiração ao choro-goleada de João: Pixinguinha 10 X o.

Com as releituras do secular e cubano Canto de Wemba e de Gagabirô, damos meia volta e deixamos o vasto território negro do eixo Janeiro-Geraes.

#### MAR, DESERTO, TRAVESSIA

A volta-e-meia se dá no miolo da trilha que, depois de um introito impressionista e debussiano, lança-se numa longa e perigosa Travessia. A partir do intuito primordial de tanger o universo melódico dos grandes compositores que escreveram para o balé clássico, João Bosco compõe os três movimentos de uma saga musical que principia marítima, singrando um lamento oriundo, quem sabe, de um navio fantasma ou negreiro; prossegue em cortejo por terras bem assentadas e firmes; e vai prantejar seu cansaço na imensidão de uma paisagem árida, árabe, ávida de água.

Se levarmos em conta que este bloco (índio, mouro, europeu – não necessariamente nesta ordem) ocupa dezesseis dos 41 minutos da nossa trilha, começamos a entender que ela é mais multifacetada do que pode supor uma leitura primeira destas linhas.

Urdida em janeiro de 1998 no estúdio Impressão Digital, no Rio, a alcatifa de Bosco (violão acústico e vozes) contou com as mãos habilíssimas de Jacques Morelenbaum (violoncelo), Osvaldinho do Acordeom (acordeom), Proveta (sax e clarineta), Ricardo Silveira (viola de 12 e violão de aço), Nico Assunção (contrabaixo), Robertinho Silva e Armando Marçal (percussão), além do tenor Sandro Assunção (uma das vozes de Travessia).

#### O CAOS EM HARMONIA

O processo gradativo de desconstrução da forma e edificação de uma sintaxe própria a partir de elementos extraídos dos bailados populares brasileiros que, desde o início da década, vem marcando a escritura coreográfica de Rodrigo Pederneiras, parece ter chegado em Benguelê a um lugar onde os traços da escola francesa simplesmente desaparecem da vista do espectador. Entre marcações de pé, de pélvis, de ombro, muita mão no quadril e remelexo de cintura, não se consegue divisar um lapso sequer de movimento que denuncie a presença da técnica clássica, sem a qual os vinte bailarinos da companhia mineira de dança seriam incapazes de executar a intrincada partitura de corpos construída por Rodrigo sobre a música de João Bosco.

A ocupação do espaço é no mais das vezes anárquica, frenética, enquanto a gradação dos movimentos vai do festivo ao processional ou ritualístico, com a formação recorrente de figuras humanas vergadas pelo tempo e de imagens animalizadas.

A dois metros do chão, uma linha horizontal risca de ponta a ponta o fundo do palco, demarcando o limite do que mais tarde se revelará um segundo plano de ação. Abaixo da linha, um negrume espesso. Acima, um tênue grafismo vertical em nuances de grafite e breu.

À ausência de cor da cenografia arquitetada por Fernando Velloso e Paulo Pederneiras para os três primeiros quartos do espetáculo se contrapõe a mistura de todas as cores estampada nos figurinos de Freuza Zechmeister, que adota o branco como mat(r)iz básica e trabalha com a sobreposição de tecidos.

Sugerida pela música de Bosco, a combinação de referências diversas dentro de uma linguagem capaz de dar coesão ao caos parece ser a lógica que rege Benguelê. Como se os contextos do rito afro, do jogo de roda, da quadrilha, dos cortejos e das danças dos devotos em festa pudessem se organizar numa nova imagem.

No quarto final do espetáculo, esse sincretismo explode na forma de um dos mais tradicionais autos populares afro-brasileiros: o congado, que, com alegria ruidosa e fitas coloridas, celebra a coroação do Rei do Congo.

E não há mais nostalgia da África, chega ao fim o Benguelê.